

Os novos colegas de classe

O estudante brasileiro está convivendo com dois novos "colegas de classe": o jornal e o computador. Nos dez painéis de debates da II Conferência Internacional de Jornais na Educação, encerrada quinta-feira em São Paulo, foram apresentadas propostas a partir da perspectiva de que a missão da empresa de comunicação não é apenas informar, mas também transmitir conhecimento. Um dia depois, terminou a feira "Educando-97", cujo objetivo tinha sido "aproximar" — como disseram seus organizadores — informática e Educação. Na feira, em 70 estandes de escolas diferentes, expuseram-se softwares educativos e sistemas de automação destinados exclusivamente a uso educacional, criados por empresas de informática, ou resultantes de projetos de estudantes.

Os dois eventos indicam que já há consenso em torno de que a Educação não se faz mais apenas e exclusivamente na sala de aula, utilizando-se materiais didáticos, digamos, tradicionais. Há uma infinidade de novos recursos para apoiar a tarefa de ensinar alguma coisa a alguém. De uma maneira ou de outra, está-se despertando para essa realidade no Brasil. Não se trata

de fazer a grosseira distinção entre educação de massa e educação de elite quando se discute o acesso a esses novos recursos educacionais. A forte pressão da mídia, especialmente televisiva, disseminou em todas as classes sociais a expectativa de convívio com a informação e com o computador. O garoto da periferia ou do mais caro colégio canta a mesma música, vê a mesma novela e se encanta com as mesmas novidades.

O interesse pelos novos recursos educacionais se verifica tanto no ensino público quanto no particular. O Ministério da Educação desenvolve projeto de informatizar e conectar em rede as escolas públicas brasileiras. O projeto ainda é embriônário, porém já está suficientemente desenvolvido para que se possa dizer que as escolas brasileiras do ensino público com mais de mil alunos possuem o equipamento necessário para que essa interligação se dê, ou seja, já existe o hardware no ambiente escolar público. No ensino privado, já se utilizam há anos os recursos da in-



formática.

As empresas de comunicação estão fazendo a sua parte nesse processo de ativar, de maneira contínua e sem limites, o processo de Educação informal. Na conferência a que nos referimos acima, os maiores jornais brasileiros descreveram o êxito de suas experiências na atração direta de leitores mais jovens para a leitura de jornais. Não existem fórmulas feitas para tal,

mas todas as empresas seguem o mesmo caminho: procurar a escola, sem distinção entre a privada e a pública, para conquistar o leitor de amanhã. Experiências, como a do jornal francês *Mon Quotidien*, com 40 mil assinantes, destinadas a crianças de 9 a 14 anos, despertaram atenção na conferência.

Com toda a certeza, os novos recursos educacionais, os novos "colegas de classe", não substituem o professor. Não é essa a questão. Não se contesta o fato de que a mais recente literatura que avalia o assunto coloca em discussão a eficiência do computador como instrumento educacio-

nal. A exigência da não passividade para aprender criou a exigência de um outro tipo de educação. Hoje, conceitua-se pessoa "educada", com futuro profissional garantido, como aquela capaz de criar e não apenas de repetir. Essa exigência não poderá ser atendida por quem utiliza um único recurso educacional, mas sim pelo profissional capacitado a empregar bem todos os recursos educacionais.

A Educação informal via jornal e computador está conquistando espaço cada vez maior no País

para o educador. Nesse quadro, o sistema interativo de consultas do *Zap*, nosso caderno destinado ao público adolescente, apresentado na conferência, chamou atenção, entre outras experiências no mesmo rumo.

A verdadeira importância do êxito desses "novos colegas de classe" é confirmar que a idéia de Educação informal parece estar ganhando espaço entre nós.